

Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Narimanian

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais: O Mônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De além da Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortos, não porém com absoluto sucesso.

1ª Parte

Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidiu pela seleção de *Jamilla Pe-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

Pássaro de Fogo

José Costa Matos

Se o tempo me escutasse, eu lhe pediria que, entre tantas coisas que carrega, e algumas delas deixam até um rastro de saudade, levasse também, para bem longe, as lamentações sobre o desprestígio da poesia. Quando os jornalistas, os críticos e as voções messiânicas de esquina decretam a falência da poesia, estão ensinando, aos homens tristes deste século assustado, a mais dolorosa das resignações. Essa pregação negativa se assemelha àquela dos teólogos que espalham entre as multidões sem esperança que Deus está morto.

Dizer que o tempo, o pé esmagador de luas de Neil Armstrong e a caçada ao dinheiro excluíram a poesia da vida é convencer o bicho racional, que já escavaca dois astros, de que ele deve aceitar a condição de mutilado. Vida sem poesia é mutilação. Poesia é captação do sentido da vida, para iluminação dos que caminham. Não há como situar os poetas num plano inferior ao dos filósofos, dos cientistas, dos tecnocratas ou dos donos bem sucedidos do milhão. Quando Santayana apreende a ansiedade hedônica dos norte-americanos e os instiga ao aproveitamento integral da hora-prazer, *now and here*, agora e aqui, não se lembra talvez de que um poeta chamado Baudelaire já afrontava a moral do seu tempo, recomendando a valorização da alegria que floriu na precariedade de um minuto: "Les minutes, mortel folâtre, sont des gangues qu'il ne faut pas lâcher sans en extraire l'or".

O poeta é o doador da própria alma. É uma pessoa que cavou mais fundo e tem, por isso, a água mais pura para a sede humana de compreensão existencial. Pode ter também, em segredo e por isso, as mãos mais feridas da sua comunidade... Seriam mais sábios os governantes de ontem, descobrindo a utilidade social dos poetas que sustentavam? Agripino Grieco fala nos prefeitos alemães que subvencionam os rouxinóis, para que não falte o canto divino nas noites das cidadezinhas do Reno...

Essa poesia que ensina a viver reaparece agora no livro de Cid Carvalho. *Pássaro de Fogo* é um livro heróico, porque é um livro de desnudamento espiritual. É uma espécie de livro-missa, em que o autor se dá em holocausto para que chegue aos homens a notícia de que a vida ainda possui elevação e beleza. O eterno drama de solidão do homem dentro do mundo, matriz de todos os ritos propiciatórios, do totemismo aos nossos dias, está presente neste livro corajoso. Corajoso até nas freqüentes confissões de escapismo diante de um mundo em que o amor é aferrolhado nas almas com a avareza de Gobseck.

O livro está cheio de "fugas", de "caminhadas", de buscas indefinidas, reincidências indicativas das secretas incompatibilidades do poeta com a multiplicação dos determinismos dentro do moderno drama do homem, condição tão bem antecipada no soneto famoso de Raul de Leôni: "Não é o moinho que anda, é a água corrente que faz, passando, circular o moinho."

Num tempo em que é mais fácil mandar um homem à lua do que pôr o nome de Deus na boca de uma criança, Cid Carvalho grita bem alto a sua necessidade de rezar. Não sei se ele sabe que é bravura fazer isso, quando a mesma necessidade está soterrada em milhões de pequeninas covardias científicas. Quem ler o seu livro vai chegar à última página desafrontado de pudores ateísticos, de mãos postas, rezando... O mesmo já aconteceu a muita gente que leu Michel Quoist e, no interesse dos apaziguamentos espirituais, é bom que se repita muitas vezes. Que ato mais próprio do homem, numa época de ressurreição dos velhos medos telúricos, com os ecologistas nas ruas, portando cartazes, lendo ameaças apocalípticas no fumo que mata o ar, nos detritos químicos que matam as águas, a flora e a fauna?

Em síntese, *Pássaro de Fogo* tem luz no largo vôo sonoro. Com este livro, o seu autor toma um facho e começa a reacender as estrelas que se haviam apagado na esperança da poesia cearense.